

"A QUALIDADE DE UMA OBRA DE ARTE É DEFINIDA ESSENCIALMENTE PELO FACTO DE ELA SE EXPOR OU SE ESQUIVAR AO INCONCILIÁVEL" (1)

JORGE CASTANHO *

A organização dos diversos domínios da cultura leva a que a arte seja abordada em torno do seu corpo actuante. Exige-se-lhe leitura, definição, intervenção social e até estrutura que a promovam em educação. a tentativa de socialização leva o pensamento artístico a uma entorpia, para não se sujeitar à administração, procurando no oposto a sua legitimidade.

O pedagogo recorrerá sempre a preceitos que sistematiza e elabora, colocando nos seus propósitos questões que intentam entredar o domínio da arte num processo hedónico de utilidade e de função.

Ora se um intelectual procura explicar a arte, o artista questiona-se sobre a sua natureza, sem preocupação de seduzir o público, desenvolvendo o seu pensamento.

A sedução será tarefa do pedagogo, que entretanto entrou no processo. Quem explica nunca poderá entrar no acto, porque este é presente e contém em si a acção; a explicação apoia-se sempre no deferido ou no azevir.

A obra não será possível se não for apoiada pela linguagem, pelo material, pela técnica que servem a ideia, incorrendo no domínio da tecnologia.

A linguagem é aquilo a que poderíamos chamar estilo, que teve o seu declínio na separação e na procura da ilusão.

As tecnologias são concentração de tempo e até hoje foram quase sempre usadas no domínio das grafias, que, com o material e a forma uniam o ser à obra. Parte da natureza artística residia no segredo da oficina, na transformação da matéria e na organização do espaço como numa espécie de alquimia. Estas tecnologias nunca dispensaram o corpo do ser que as usava, que permanecia sempre muito próximo ao objecto criado e, na sua apresentação, propunha-se à emoção do público, a sua recepção aparecia como uma dádiva.

Esta proximidade ao ser, muito semelhante ao primeiro rabisco considerado como arte, continha a acção no processo de fazer, nada de acordo com o que o próprio artista pressentia; a experiência do mundo.

Com o assumir do uso destes novos processos, a proximidade obra - ser estreitou-se nalguns casos, afastou-se radicalmente noutros, propondo mesmo o nihilismo na contemplação de um fim.

* Galeria dos Escudeiros de Beja

Nesta passagem das antigas para as novas tecnologias e no assumir destas últimas, convocou-se a distância que vai do ser que a determina à própria obra e essa distância reside na ideia.

Nestes domínios terminou o século XIX ou terminaram vários séculos com ele, dando origem a um patamar que não se iniciou na sua data prevista e a que chamamos século XX. Ao assumir o novo século, convinha repensar todo o ensino e aprendizagem artística à qual se colocam diversas questões, duas das quais serão:

- Que fazer com todos os dados que antecedem o século XIX?

- Como intervir no nosso século, que fazer com a informação que ele nos transmite com a sua avassaladora euforia?

Quem deixará de reconhecer o seu tempo, procurando a sua vez na estafeta que passou? Neste fim de século, as obras de arte são aquelas que deixam correr dentro de si a seiva do seu tempo.

Em balanço, como quem deita as velharias pela janela, preferimos uma Coca Cola a um sumo fresco e natural.

NOTA:

(1) Theodor W. Adorno, *Teoria Estética*, Edições 70



.RETRATOS DE ARTE

.FOTOGRAFIA PROFISSIONAL

Rua de Mértola, 63

7 800 BEJA